

China compra mais do Brasil e eleva sua participação nas exportações a 40% **A2**

Pagamento de dividendos por grandes empresas pode demorar a ser normalizado **C3**

Yara reorganiza operação e passa a ter atuação verticalizada em três grandes blocos globais, diz Lair Hanzen **B8**



# Valor **ECONÔMICO**

20 anos

## Destaques

### Vale descarta venda menor à China



A Vale vai fornecer à China, neste ano, um volume de minério de ferro igual ou superior ao de 2019, disse ao Valor o diretor-executivo de ferros da mineradora, Marcelo Spinelli. O avanço da pandemia no Brasil tem levado integrantes desse mercado a questionar se haverá uma limitação na oferta, o que tem contribuído para alavancar os preços da commodity, que ontem fechou a US\$ 100 por tonelada. **B1**

### Turismo, só no fim do ano

O setor de turismo só espera uma recuperação da demanda, e mesmo assim parcial, a partir do quarto trimestre. Em abril, as vendas no segmento de turismo de negócios diminuíram 92% em comparação com o mesmo período do ano passado, com a perda de quase R\$ 1 bilhão. No segmento de lazer a queda foi de 90%. **B4**

### Escolas perdem 52% da receita

Levantamento em 482 escolas de pequeno e médio portes (entre 150 e 240 alunos) de 83 cidades brasileiras mostra que a receita média desse grupo caiu 52% com a pandemia do novo coronavírus, segundo a Explora, startup de análise de dados na área de educação. Em 95% delas, 10% dos alunos já cancelaram as matrículas. **B6**

### Private equity da XP investe em saúde

O fundo de private equity captado pela XP Asset no início do ano fez sua primeira aquisição, no setor de saúde. O FIP XP Private investiu R\$ 200 milhões no hospital oftalmológico Centro Brasileiro de Visão (CBV), em Brasília. A intenção é dar início a um processo de consolidação de clínicas. O fundo levantou R\$ 1,3 bilhão há três meses e tem mais de 5 mil investidores pessoa física. **C1**

### Fundos de pensão rumo à bolsa

A exposição em renda variável de fundos de pensão da América Latina, Oriente Médio, África e Ásia aumentou cinco pontos percentuais desde 2014, enquanto no Brasil as fundações fizeram o contrário, resultado das taxas de juros elevadas historicamente praticadas no país. Um quadro que começa a mudar, segundo a consultoria Mercer. **C1**

### Crédito imobiliário a empresas

Os bancos estão trabalhando para lançar novas formas de crédito imobiliário para pessoas jurídicas, com taxas de juros balizadas pelo rendimento da poupança ou Certificado de Depósito Interbancário (CDI). As instituições com planos mais adiantados nesse sentido são o Itaú e o Bradesco. **C3**

### Adiamento de precatórios

A pedido da Ordem dos Advogados do Brasil, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) determinou ao Tribunal de Justiça de São Paulo que apresente em 15 dias um plano para o pagamento dos precatórios de 2020. O Estado e mais nove municípios foram autorizados pelo TJ-SP a suspender os pagamentos por 180 dias, a partir de março, em razão da crise causada pela pandemia. **E1**

## Ideias

### Andrea Laplane

A pandemia mostra a importância de desenvolver capacidades para criar políticas de inovação orientadas por missão. **A10**

### Luiz Gonzaga Belluzzo

O subemprego e a precarização endureceram as condições de vida do trabalhador, agora permanentemente disponível. **A11**

## Indicadores

Ibovespa	1/jun/20	1,99%	R\$ 249 bi
Selic (meta)	1/jun/20	3,00%	ao ano
Selic (taxa efetiva)	1/jun/20	2,90%	ao ano
Dólar comercial (BC)	1/jun/20	5,3633/5,3639	
Dólar comercial (mercado)	1/jun/20	5,3862/5,3868	
Dólar turismo (mercado)	1/jun/20	5,4158/5,5958	
Euro comercial (BC)	1/jun/20	5,9645/5,9668	
Euro comercial (mercado)	1/jun/20	5,9964/5,9970	
Euro turismo (mercado)	1/jun/20	6,0604/6,2404	

ISSN 1517-9710



# Governo dará crédito barato mesmo à firma que demitir

Alex Ribeiro e Edna Simão  
De Brasília

O governo vai flexibilizar as regras da linha de crédito criada para financiar, com condições especiais e juros subsidiados, a folha de pessoal de companhias de menor porte. Hoje, a empresa interessada nessa linha é obrigada a manter a totalidade de seus empregados. A ideia é permitir que mantenham pelo menos 50% dos empregos.

Outra mudança é o aumento, de R\$ 10 milhões para R\$ 50 milhões, no teto de faturamento das empresas com direito a acessar os recursos. Previsto na Medida Provisória 944/20, o programa, que terminaria em 30 de junho, será prorrogado por dois meses. As condi-

ções foram dadas ontem pelo presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, em apresentação à Comissão Mista do Congresso que analisa a resposta do governo à pandemia.

A flexibilização é uma tentativa de fazer decolar a linha de crédito, lançada há quase dois meses. Foram contratadas até agora apenas R\$ 1,930 bilhão em operações, menos de 5% dos R\$ 40 bilhões colocados à disposição. Foram beneficiadas 79 mil empresas e 1.302.694 trabalhadores. As mudanças serão feitas por meio de alteração da MP 944/20.

A linha foi criada para preservar empregos durante a pandemia. O Tesouro Nacional assume 85% do risco de crédito. Os 15% restantes são arcados pelas próprias instituições financeiras. As condi-

ções do crédito são favorecidas: juros de 3,75% ao ano, carência de seis meses para começar a pagar e prazo de 36 meses.

O dinheiro é depositado diretamente na conta dos trabalhadores, por isso, não há brechas para a empresa desviar recursos a outras finalidades, como o custo de demissões. O governo aumentou o faturamento das empresas elegíveis porque, entre os que tomaram empréstimos, a maior parte estava no limite do programa, de R\$ 10 milhões.

"Com as modificações, o alcance será maior, conseguiremos atingir algo próximo de R\$ 20 bilhões", previu Campos Neto. O governo deve regulamentar, ainda, o fundo garantidor de risco de crédito para micro e pequenas empresas (Pronampe). **Página C1**

# Manifestações vieram antes do esperado

Maria Cristina Fernandes  
De São Paulo

Os protestos de rua contra o governo desmontaram lideranças dos manifestos tornados públicos até agora, reunindo juristas e intelectuais. Não se contava, entre as iniciativas pelo impeachment do presidente, com manifestações populares neste momento, uma vez que um dos crimes pelos quais ele pode vir a ser acusado é o de desrespeitar o isolamento social. A pressão popular viria depois, com a pandemia arrefecida e os temores de radicalização do regime afastados, quando um desfecho se fizesse necessário. Assim como em 2013, não há cálculo político na eclosão dos protestos, que surgem em momento de distanciamento entre Bolsonaro e o Exército. **Página A7**



Sonia Guajajara, coordenadora-executiva da Apib: "Não queremos ser invisíveis"

# Pandemia se espalha nas tribos indígenas

Daniela Chiaretti  
De São Paulo

A pandemia se espalha rapidamente entre os indígenas. Já havia até ontem 178 mortes nos 78 povos que vivem em 14 Estados brasileiros, segundo a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib). São 1.809 contaminados e os números, como no resto do país, estão subnotificados. A situação é muito grave, alertam lideranças indígenas, entidades e antropólogos.

Os dados oficiais, do governo, são diferentes. Segundo a Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), braço do SUS, em 31 de maio havia 51 mortes e 1.312 contaminados. Mas o Sesai atende apenas aos "habitantes de terras indígenas homologadas", informou sua assessoria de imprensa. Os indígenas urbanos são atendidos pela rede do SUS e constam, portanto, das estatísti-

cas municipais e estaduais. A Sesai presta atendimento básico a 800 mil índios que vivem em aldeias. Os que vivem nas cidades não estão discriminados nas estatísticas oficiais.

"O Ministério da Saúde não divulga as etnias e as localidades de cada caso, por respeito ético", diz a nota do Sesai. "Não queremos ser invisíveis", refuta Sonia Guajajara, coordenadora da Apib.

A defasagem dos casos fica clara quando se observa que em uma única etnia, os kokama, no Amazonas, houve 52 mortes. "Se a pandemia tiver o impacto europeu entre os índios, atingindo os mais velhos, matará para muitos povos seus guardiões da cultura. A morte destas pessoas representa uma perda muito grande", alerta o antropólogo Tiago Moreira, pesquisador do programa de monitoramento de áreas protegidas do Instituto Socioambiental (ISA). **Página A12**

# Rentabilidade da soja fica entre as mais altas da história

Marcela Caetano e Fernanda Pressinott  
De São Paulo

Com a demanda chinesa aquecida e a taxa de câmbio favorável, os produtores brasileiros de soja terão nesta safra 2019/20 margens de lucro entre as mais altas já alcançadas.

Levantamento da Cogo Consultoria mostra que o custo médio por hectare foi de R\$ 3.560,41 no Sudeste e Sul do país, 10,2% maior que na safra passada. Mesmo assim, nessas duas regiões, as receitas bruta e líquida nominais dos plantadores foram as maiores das últimas dez colheitas: R\$ 6.109,55 e R\$ 2.549,14 por hectare, respectivamente. A receita bruta foi 51,5% maior e a líquida, 217%.

No Cerrado, o custo de produção foi de R\$ 4.106,87 por hectare, 12,8% superior ao da safra passada, mas a receita bruta alcançou R\$ 5.387,62 — 38,2% mais que no ciclo anterior — e a receita líquida ficou em R\$ 1.280,75, alta de 397% em relação ao ciclo 2018/19.

Se, por um lado, o dólar alto aumentou os custos, também ampliou a receita dos produtores. "A maior parte da safra foi vendida enquanto a moeda estava subindo, o que acelerou as vendas, inclusive as antecipadas do ciclo que vem", diz o consultor Carlos Cogo.

Esses resultados devem estimular novo aumento de área plantada na safra 2020/21, que começará a ser semeada em setembro. **Página B8**

# Trump quer uso de força contra protestos

Demetri Sevastopulo  
Financial Times, de Washington

O presidente Donald Trump ameaçou ontem enviar soldados para enfrentar a maior onda de protestos em décadas nos Estados Unidos, caso prefeitos e governadores não tomem medidas mais fortes contra as manifestações que emergiram após a morte do afro-americano George

Floyd. Os protestos começaram depois que Floyd foi sufocado por um policial branco, ao ser preso em Minneapolis.

"Vamos acabar com os distúrbios e a desordem que se espalharam por todo o país. Vamos acabar com isso já", disse Trump. Ele pediu aos governadores que "dominem" as ruas de seus Estados por meio de unidades da Guarda Nacional. E advertiu que o Pentágono as-

sumirá o controle da segurança onde as autoridades locais não obedecerem.

Trump sustentou que os protestos, em grande parte pacíficos, foram infiltrados por anarquistas e outros agitadores. Enquanto ele falava, a polícia de Washington disparou gás lacrimogêneo contra manifestantes que, do lado de fora da Casa Branca, cantavam e seguravam cartazes pacificamente. **Página A9**



Metalúrgicos voltam ao trabalho na fábrica da VW em São Bernardo: maior parada em 60 anos

# Volks reabre no ABC em ritmo lento

Marli Olmos  
De São Bernardo do Campo

A metalúrgica Fabiana Jesus chegou à fábrica da Volkswagen, no ABC Paulista, no ônibus da empresa às 5h da manhã. Ela já sabia que o dia seria diferente. Depois de 70 dias de quarentena, ela e outros colegas foram recebidos pelo presidente da empresa, Pablo Di Si. E cercados com uma série de cuidados de higiene.

Inaugurada por Juscelino Kubitschek em 1959, a fábrica, hoje com 8 mil funcionários, foi palco de mobilizações grevistas nos anos 1980, mas nunca havia parado por tanto tempo em seus mais de 60 anos. E volta a operar com apenas um turno. Tudo será muito mais lento do que no início do ano. Mas o ritmo pode ser acelerado, afirma Di Si. "Tudo depende da reação do mercado". **Página B2**

**Saúde** Grupos de assistência tentam manter população nas aldeias para evitar a aceleração do contágio

# Pandemia se alastra rapidamente entre povos indígenas

**IMPACTOS DO CORONAVÍRUS**

Daniela Chiaretti  
De São Paulo

A pandemia se espalha rapidamente pelos povos indígenas. O coronavírus sobe os rios da Amazônia e entra nas aldeias. No Centro-Oeste, vinga em reservas lotadas onde o acesso à água é difícil e um cuidado básico, lavar as mãos, uma dificuldade. Os últimos dados, coletados por associações indígenas e pesquisadores, mostram que ontem havia 178 mortes entre 78 povos que vivem em 14 Estados brasileiros, segundo a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), referência nacional do movimento indígena no país. São 1.809 contaminados, e os números, como no resto do país, estão subnotificados.

Os dados oficiais, do governo, estão bem atrás. A situação é muito grave, alertam lideranças indígenas, entidades e antropólogos.

Segundo a Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), braço do SUS criado em 2010 para dar atenção básica aos índios, em 31 de maio havia 51 mortes e 1.312 contaminados. A Sesai atende apenas aos "habitantes de terras indígenas homologadas", informa a

assessoria de imprensa do órgão em nota ao Valor.

"Os indígenas em contexto urbano são atendidos pela rede pública do SUS e constam, portanto, das estatísticas municipais e estaduais", segue a nota. A Sesai presta atenção básica a 800 mil índios que vivem em aldeias, através dos distritos sanitários conhecidos por Dsei. Índios que vivem em cidades, em territórios ainda não homologados ou ao longo de estradas, não estão nas estatísticas oficiais e têm que buscar ajuda nos postos do SUS. Ou onde conseguirem.

A Sesai presta apenas ajuda médica básica aos índios "aldeados", como se diz. Quando o caso se agrava, como acontece entre os doentes de covid-19, é preciso recorrer aos hospitais nas cidades. Como se sabe, a logística na Amazônia é difícil, as distâncias, longas, e a infraestrutura, precária.

O Ministério da Saúde não divulga as etnias e as localidades de cada caso, "por respeito ético", diz a nota. "Não queremos ser invisíveis. São vidas que foram interrompidas", rebate Sonia Guajajara, coordenadora-executiva da Apib, citando a criação do Comitê Nacional pela Vida e Memória Indígena, que procura dar dignidade à vida dos índios que morreram. "A alguns foi negada a vida, a história e agora está sendo negada a morte. Vamos fazer registros", promete.

Sonia diz que a reação inicial da Apib foi rápida. "Trouxemos muitas orientações, desde os cuidados de higiene até o bloqueio na entrada das aldeias, para que ninguém entrasse ou saísse. Pedimos para quem estivesse circulando voltasse imediatamente às aldeias", diz. "O pessoal entendeu que era grave".

Ela segue: "Seguramos o povo nas aldeias e orientamos para que não recebessem visitas de forma alguma. Nas aldeias próximas às cidades, entram muitos vendedores ou missionários. A ideia era só deixar entrar as equipes de saúde".

"Estava indo legal até que o presidente Bolsonaro disse que (a pandemia) era histeria da imprensa. Isso gerou confusão na cabeça das pessoas", continua Sonia. "Como a Apib diz que não pode sair, mas o presidente diz que sim? Indígenas respeitam autoridade. Neste momento vimos o perigo da contaminação crescer. Não conseguimos mais segurar", lamenta.

Sonia Guajajara lembra que há enorme diversidade entre os mais de 250 povos indígenas no Brasil, de diferentes níveis de contato e situação territorial. Os que estão mais próximos de cidades são mais dependentes da vida urbana, onde estudam, trabalham e vendem artesanatos. Os que vivem na beira de estradas, como os guarani kaiowas, não têm sequer lugar para fazer suas roças. Outros grupos,



Sonia Guajajara, coordenadora-executiva da Apib: "Não queremos ser invisíveis; são vidas que foram interrompidas"

como os yanomami, vivem em grandes malocas coletivas, onde o isolamento social é prática impossível. Utensílios domésticos são compartilhados. Redes são divididas. "A contaminação está chegando agora e pode significar o extermínio de povos. Precisamos agir para evitar um genocídio", diz ela.

Os dados oficiais estão tão defasados que em apenas uma etnia, os kokama, no Amazonas, foram 52 mortos. A covid-19 chegou à aldeia por uma infelicidade — trazida por um médico de São Paulo que não sabia que estava doente. Rapidamente a doença se alastrou.

Os kokama são cerca de 15 mil pessoas, o que é uma população relativamente grande quando se pensa em povos indígenas. Vivem na calha do rio Solimões, no Amazonas, na Colômbia e no Peru.

"Quando se fala em povos indígenas, estamos falando em micro-sociedades, com língua, conhecimento e tradições próprias", diz o antropólogo Tiago Moreira, pesquisador do programa de monitoramento de áreas protegidas do Instituto Socioambiental (ISA). "Se a pandemia tiver o impacto europeu entre os índios, atingindo os mais velhos, matará os guardiões da cultura de muitos povos. A morte destas pessoas representa uma perda muito grande", explica.

O Amazonas, Estado mais indígena do país e que vem sofrendo duramente com a pandemia, lidera o número de mortes também entre os índios. O Pará vem na sequência, com 29 mortes, e Pernambuco, com 10.

Nesse ranking sombrio, os kokama sofreram mais perdas até agora, seguidos pelos tikuna, também no Amazonas, e os warao (no Pará, Pernambuco e Roraima).

"Se a trajetória continuar como está, é muito preocupante", diz Moreira. Monitorando os dados oficiais, nos boletins diários divulgados pela Sesai e pela Apib, o an-

tropólogo percebe um crescimento entre 10% e 12% ao dia no número de casos de contaminação. "Temos necessidade de ter modelos para prever qual a extensão da pandemia entre os indígenas", diz Moreira. "Em um povo de apenas 300 pessoas, o impacto pode ser gigantesco", alarma-se.

Moreira estima que os casos dobrarão esta semana e podem chegar a 4.000 contaminados em 15 dias. "Considere que em algumas malocas vivem 50 a 100 pessoas. Se ocorrer o contágio, o risco de todos serem infectados é muito grande", diz ele.

Há exemplos em que a pandemia se soma à situação de vulnerabilidade de algumas etnias, e a situação se torna dramática. É o caso dos guarani kaiowa e guarani ñandeva, no Mato Grosso do Sul. São 55 mil pessoas que vivem em 90 áreas de ocupação, em diferentes situações territoriais. "São inúmeras vulnerabilidades sobrepostas", explica a antropóloga Tatiane Klein, pesquisadora dos guaranis no Mato Grosso do Sul, atualmente no Centro de Estudos Ameríndios da Universidade de São Paulo.

**Últimos dados, coletados por associações indígenas e pesquisadores, mostram que ontem havia 178 mortes"**

No Mato Grosso do Sul, muitos guarani vivem em reservas indígenas de 3.500 hectares, em média, muito populosas. Há outros em áreas demarcadas, dispersos em áreas de retomada ou em acampamentos à beira das estradas.

Em 30 de maio, segundo o boletim do Dsei de Mato Grosso do Sul, havia 74 casos confirmados no polo base de Dourados e 15 suspeitos. "Como os casos estão

crescendo entre os indígenas, estão ocorrendo inúmeras manifestações de racismo por parte da população não-indígena, reforçando a visão negativa que a população local tem dos índios", diz a pesquisadora.

No território indígena yanomami há pelo menos 10 mil garimpeiros, ameaça a mais para os índios em tempos de pandemia. O líder Davi Kopenawa acredita que o número de garimpeiros pode ser o dobro. "Essas invasões são extremamente perigosas. As políticas públicas estão estimulando invasões de madeireiros, garimpeiros e grileiros", diz a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, referência internacional no tema indígena e membro da Comissão Arns.

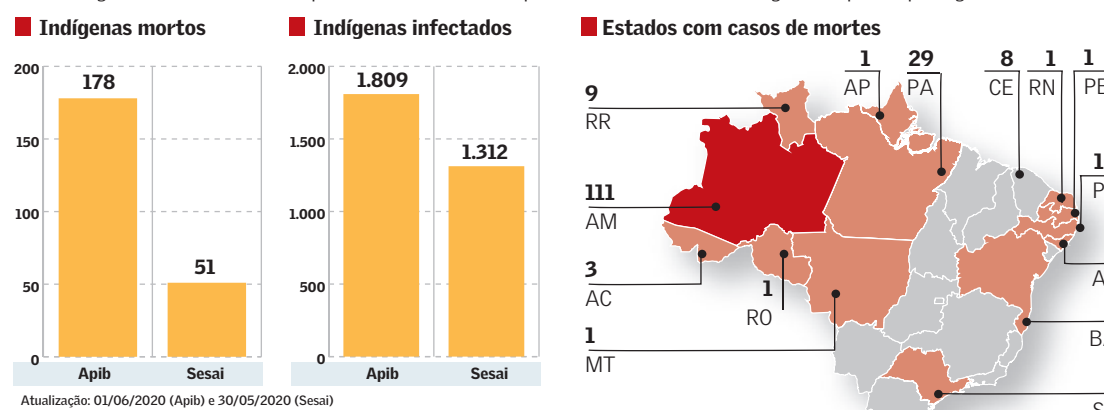
Na terra indígena yanomami existem 27 mil yanomami e 600 ye'kwana. A bióloga Marina Vieira, que atua junto aos índios e participa da rede de apoiadores da etnia que se formou há um mês, explica as dificuldades para conter o avanço da doença. Um dos problemas é que as equipes da Sesai fazem escala de 15 dias, e depois trocam. "O ideal seria ter escalas mais longas", diz ela, lembrando que assim se evitaria o trânsito de gente nas aldeias e que os agentes de saúde poderiam fazer quarentena de sete dias, para ter algum nível de segurança na prevenção do contágio.

O esforço é evitar que os índios deixem as comunidades e venham às cidades. Foi assim que a maioria dos yanomami se contaminou. Cerca de 60% ficaram doentes na Casa de Saúde Indígena em Boa Vista. Outros 17% se contaminaram nas cidades e só em 23% o contágio foi dentro da comunidade.

A Funai informou que distribuiu quase 90,2 mil cestas de alimentos a famílias indígenas no país. A autarquia tem R\$ 20 milhões para ações de proteção aos índios durante a pandemia, sendo que R\$ 13 milhões foram gastos.

## O impacto da pandemia nos povos indígenas

Casos registrados de covid-19 pelo Comitê Nacional pela Vida e Memória Indígena (Apib) e pelo governo (Sesai)



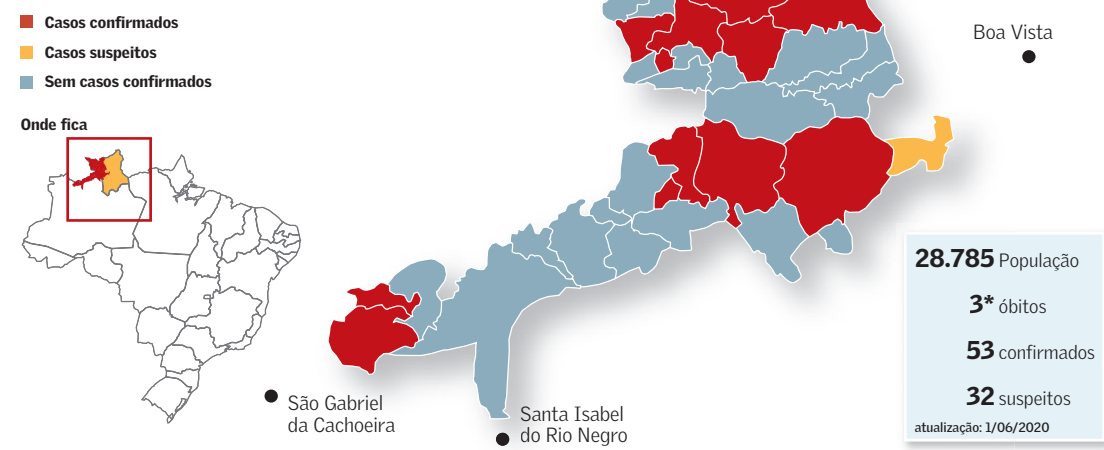
Atualização: 01/06/2020 (Apib) e 30/05/2020 (Sesai)

Povos atingidos: 78 (Apib)

Maior número de mortes: Kokama: 52 (AM); Tikuna: 15 (AM); Warao: 6 (PA, PE e RR)

### Terra indígena Yanomami

Monitoramento feito pela Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana com colaboradores e organizações indígenas



Fonte: Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana. \*suspeitos - por síndrome respiratória aguda grave e contato com casos positivos

## Brasil tem registro de 623 mortos em 24 horas e total de óbitos encosta em 30 mil

Rafael Bitencourt  
De Brasília

O Brasil registrou ontem o aumento de 29.314 para 29.937 do número de mortes de pacientes infectados pelo novo coronavírus, informou o Ministério da Saúde. Em 24 horas, houve o acréscimo de 623 óbitos. O número de confirmações da doença (covid-19) saltou de 514.849 para 526.447 no período, com mais 12.247 novos casos.

O maior registro de casos em 24 horas ocorreu no último sábado (30), com 33.274 notificações. Até agora, 211.080 pessoas se recuperaram da covid-19 no Brasil,

o que corresponde a 40,1% do total de casos. Até domingo eram 206.555 pacientes recuperados.

Ontem, a Organização Mundial de Saúde (OMS) indicou que o Brasil, e outros países da América Central e da América do Sul, ainda não alcançaram o pico da pandemia. O diretor-executivo da entidade, Michael Ryan, disse, em entrevista coletiva, que a região ainda passa por momento de intensa transmissão local do vírus.

Ryan destacou que, nos últimos sete dias, o número de óbitos e novos casos da doença no Brasil foram os maiores do mundo. O diretor da OMS afirmou que, no período, o país chegou a superar

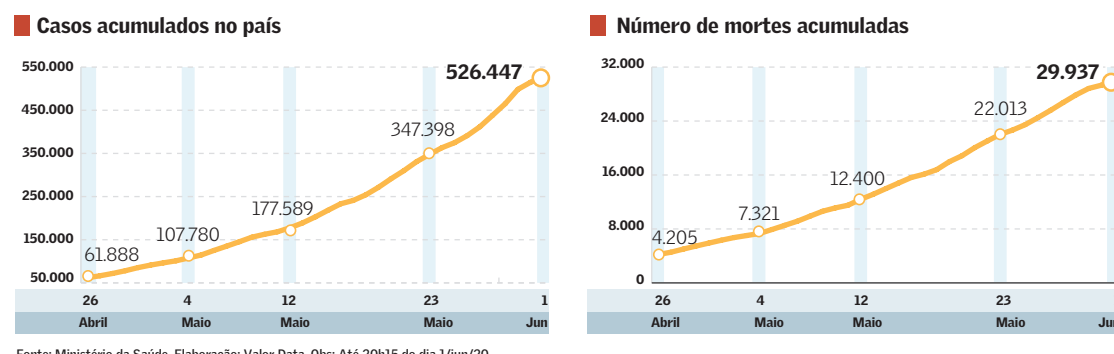
os Estados Unidos. Enquanto os americanos registraram 6.777 mortes em sete dias, o Brasil contabilizou 6.821. Em relação aos novos casos na última semana, o Brasil liderou as adições no mundo, com 151,6 mil, contra 141,4 mil nos Estados Unidos.

Ontem, o coronavírus somava 6,057 milhões de infectados e 371,2 mil mortes em todo mundo, segundo a OMS. A declaração do diretor da Organização veio no momento em que os governos de diferentes Estados brasileiros começam a implementar planos de reabertura de comércio, flexibilizando as políticas de isolamento.

Com os maiores números de

## Epidemia no Brasil

Número de mortos no país se aproxima de 30 mil



óbitos e casos confirmados da covid-19 no país, São Paulo registrou ontem o total de 111.296 casos e 7.667 mortes. O Estado conta com uma incidência de contaminação de 242,4 casos por grupo de 100 mil habitantes. A média nacional é de

250,5 por 100 mil habitantes. O balanço de casos indicou que o Rio de Janeiro ocupa a segunda posição no ranking nacional da pandemia, com 54.530 casos e 5.462 óbitos até agora. O Estado fluminense conta com a incidência de casos ainda maior do

que a de São Paulo, com 315,8 por 100 mil habitantes.

Com 9.890 casos e 228 mortes, o Amapá é o Estado brasileiro com maior incidência da covid-19, com 1.169 por 100 mil habitantes, seguido do Amazonas, com 1.007 por 100 mil habitantes.